

---

# O projeto da *Ciência da Lógica* de Hegel e o problema do início da Filosofia<sup>1</sup>

## The Project of Hegel's *Science of Logic* and the Problem of the Beginning of Philosophy

WERNER LUDWIG EULER<sup>2</sup>

**Resumo:** Neste texto, refero-me principalmente à forma “madura” da *Ciência da Lógica*, isto é, ao seu primeiro livro da edição revista do ano 1832. O objetivo de meu trabalho reside em demonstrar que a ilustração do problema do *início* da filosofia por Hegel é indiretamente uma chave para o entendimento da ideia fundamental de sua concepção da lógica como método científico da filosofia. Para atingir esse objetivo exponho, em primeiro lugar, as principais ideias do programa de Hegel por uma revisão da lógica, da metafísica e da filosofia completa, em contraste à lógica tradicional. Depois ofereço uma interpretação da declaração da “dificuldade em encontrar um *início*” lógico na filosofia, que reside em que resolver o problema de unir “o método” ao conteúdo, a forma ao “princípio”. Essa interpretação deve mostrar no qual sentido o início vale sem “pressuposto”. Esse entendimento nega a possibilidade de começar a filosofia com “algo *hipotética e problematicamente* verdadeiro” como é o procedimento comum na matemática. Por meio da análise daquele problema ilustrado especialmente pelo exemplo da crítica hegeliana à compreensão da natureza da relação entre o ser puro e a sua alteração necessária em Jacobi, tento encontrar um acesso para o entendimento do método lógico de Hegel, na medida em que o momento da negatividade (do negativo) enquanto princípio do modo de determinar e, com isso, do conteúdo, resultam necessariamente da indeterminidade do ser como a mais pensável abstração. Esse resultado surge pela necessidade, por qual o ser puro provoca a sua própria mudança para o “devir” – um desenvolvimento que Jacobi desmente por princípio para ficar parado na abstração unilateral e falsa. Assim, a indeterminidade (do ser) enquanto algo contrário é mesmo o determinado ou o negativo, isto é, “o negativo puro, inteiramente abstrato”, em outras palavras: O ser como “resultado da perfeita abstração” é “negatividade abstrata, o nada”. Mas essa negatividade é o princípio e o método da determinação e do conhecer na lógica e na filosofia como ciência.

**Palavras chaves:** Hegel; *Ciência da Lógica*; início da filosofia; negatividade; Jacobi

**Abstract:** In this article I will refer to the later version of the *Science of Logic*, i.e. to the first book in the 1832's edition. My aim is to show that the presentation of the problem of the *beginning* of philosophy for Hegel is an indirect way to understand the fundamental idea of his conception of logic as scientific method of philosophy. In order to reach this aim I will firstly present the main

---

<sup>1</sup> Essa colaboração contém o texto de minha palestra no “I Congresso Germano-Latinoamericano sobre la Filosofía de Hegel” na Pontefícia Universidad Católica Argentina, Buenos Aires, 19-21 Maio 2014. Agradeço Lucas Vollet para sua revisão de minha tradução do Alemão para o Português.

<sup>2</sup> UFSC Florianópolis-SC, Brasil.

ideas of Hegel's program for a revision of logic, of metaphysics and of a complete account of philosophy – in contrast with traditional logic. Secondly, I will outline an interpretation of Hegel's claim on "the difficulty of finding a *beginning* in philosophy", which consists of resolving the problem of unifying "the method" with the content, the form with the "principle". This interpretation has to show in which sense the beginning is unconditional. This conception prevents philosophy from starting "with something which is *hypothetically* and *problematically* true", as it is common in mathematics. I will try to find a way to understand Hegel's logical method through the analysis of the problem explained especially in the example of Hegel's criticism to Jacobi's comprehension of the relationship between pure being and its necessary alteration. The moment of negativity (the negative), as principle of the determining process and, with it, of the determination of the content, necessarily arises from the indeterminacy of being as the most abstract content to be thought. This result arises from the necessity through which the pure being brings about its own alteration in the determination of "becoming", i.e. a development that Jacobi denies in principle in order to remain standing in a one-sided and false abstraction. Therefore, the indeterminacy (of being) as something contrary is in itself the determinacy or the negative, that is to say, "the pure negative, wholly abstract". Differently said, being as "result of the perfect abstraction" is "abstract negativity, or nothing". Nevertheless, this negativity is the principle and the method of determination and of knowledge in logic and in philosophy conceived as science.

**Key Words:** Hegel; Science of Logic; beginning in philosophy; negativity; Jacobi

## Notas Preliminares

A origem do projeto de uma *Ciência da Lógica* de Hegel, tal como foi publicado pela primeira vez de forma acabada em dois volumes, isto é, nos anos de 1812/13 e 1816, e depois, incorporada como primeira parte na *Enciclopédia* (<sup>1</sup>1817, <sup>2</sup>1827, <sup>3</sup>1830), remonta aos primeiros anos em Jena. Nos escritos daquele período ele polemizou tanto contra posições quase Kantianas quanto em oposição às críticas a Kant que pretenderam defender um entendimento da Lógica nova ou da filosofia renovada. Entre os representantes da coalizão de oposição às críticas a Kant está Friedrich Heinrich Jacobi (1743-1819), de cuja filosofia Hegel teria tido uma relação equívoca, como se pode ouvir muitas vezes.

Em meu artigo, referir-me-ei principalmente à forma "madura" da *Ciência da Lógica*, isto é, ao seu primeiro livro da edição revista do ano 1832. A minha tarefa reside em mostrar que é impossível obter um entendimento adequado da reforma da lógica Hegeliana sem a dissolução da pergunta sobre o início da filosofia. Isto é, tem de perguntar concretamente: a) se é possível encontrar razões na sua argumentação, já nas primeiras passagens do capítulo do *Ser*, que possam justificar o início no ser puro, e b) se a partir desse fundamento se pode desenvolver com necessidade absoluta o método especulativo de Hegel. Queria responder provisoriamente "sim" às duas perguntas.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Para a investigação histórica e sistemática do problema do início da lógica e da filosofia em Hegel, veja o ensaio ainda atual de Dieter Henrich: "Anfang und Methode der Logik", em: Henrich, Dieter, *Hegel im Kontext*. Frankfurt a. M. 1971, pág. 73-94. Veja também Tuschling,

Por isso, gostaria de mostrar que a ilustração do problema do *início* da filosofia por Hegel é indiretamente uma chave para o entendimento de sua concepção da lógica. Por meio da análise daquele problema – ilustrado pelo exemplo da crítica Hegeliana sobre a exegese inadequada da natureza da relação entre o puro ser e a sua alteração necessária por Jacobi (inadequada, por que seria uma unidade enquanto abstração unilateral fixa) – tentarei encontrar um acesso para o entendimento do método lógico de Hegel, na medida em que o momento da *negatividade* (do negativo) enquanto princípio do modo de determinar e, com isso, do *conteúdo*, resulta necessariamente da indeterminidade do ser como a mais pensável abstração. Pois, a indeterminidade (do ser) enquanto algo *oposto* é mesmo o determinado ou o negativo, isto é, “o negativo puro, inteiramente abstrato”. O ser como “resultado da perfeita abstração” é “negatividade abstrata, o nada”.<sup>4</sup>

### 1. O Programa de uma Revisão da Lógica

Hegel não tem simplesmente o interesse em reformar ou transformar a disciplina acadêmica do mesmo nome, ou seja, em estabelecer a lógica enquanto ciência só em geral, mediante de seu plano de uma revisão da lógica. Embora que mesmo esses objetivos se seguem de seu programa, sua pretensão alcança consideravelmente mais longe. Como “a ciência lógica”, segundo o seu entendimento, “constitui a metafísica propriamente dita ou a filosofia especulativa pura”,<sup>5</sup> a reforma da lógica implica imediatamente e necessariamente o início de uma reforma completa da filosofia. Além disso, a forma tradicional da estrutura e do conteúdo daquela lógica ficam para trás do desenvolvimento da filosofia, segundo o diagnóstico de Hegel.<sup>6</sup> Visto que, neste contexto, lhe importa principalmente um novo conceito do método científico na *filosofia*, a forma da lógica ao ser produzida novamente só pode ser uma parte integrada da filosofia

---

Burkhard, “Necessarium est idem simul esse et non esse. Zu Hegels Revision der Grundlagen von Logik und Metaphysik”, em: Lucas, Hans-Christina e Planty-Bonjour, Guy (Ed.): *Logik und Geschichte in Hegels System*. Stuttgart-Bad Cannstatt 1989, 199-226.

<sup>4</sup> Cito o texto de Hegel segundo a tradução por Marco Aurélio Werle (G. W. F. Hegel, *Ciência da lógica* (Excertos). São Paulo: Barcarolla, 2011), aqui pág. 89-90.

<sup>5</sup> Hegel, *Prefácio à Primeira Edição da Ciência da Lógica* (1812), parágrafo 7. Assim também a “lógica objetiva” é em parte um substituto para a “metafísica antiga”, mais precisamente, para a “Ontologia”; ao mesmo tempo, ela deve expor a sua “crítica verdadeira” (Ed. Werle, pág. 44: “crítica veraz”). Na minha opinião, não é justificado falar sobre o *fim da metafísica* pelo estabelecimento da *Ciência da lógica*, nem simplesmente de uma restauração da metafísica anterior. Antes, o projeto lógico de Hegel deve ser entendido como uma transformação e integração na *Ciência da lógica*.

<sup>6</sup> Veja Hegel, *Prefácio à Primeira Edição da Ciência da Lógica* (1812), parágrafo 4.

mesma. Em outras palavras, ela não pode designar nem uma lógica antes ou fora da filosofia propriamente dita, nem uma lógica transcendental como um elemento de uma “Crítica” de toda “metafísica” (no sentido Kantiano).

A crítica de Hegel se dirige contra a lógica passada, isto é a doutrina da lógica contida nos manuais da lógica contemporânea (“o agregado de determinações e enunciados que no sentido comum se chama de lógica”),<sup>7</sup> e de mesmo modo aquela segundo os conceitos ou de uma lógica *transcendental* ou de uma assim chamada lógica *pura em geral*. Lesadas pelos conteúdos estranhos, essas formas conduzissem para “deformações”,<sup>8</sup> mais ou menos executadas mas expressadas distintamente na introdução da “grande” lógica:<sup>9</sup>

Para que esse esqueleto morto da lógica seja vivificado por meio do espírito para uma substância [*Gehalt*] e conteúdo [*Inhalt*], seu método tem de ser aquele por meio do qual ela é unicamente capaz de ser ciência pura. No estado no qual se encontra mal se pode reconhecer um pressentimento de método científico.<sup>10</sup>

Hegel aqui não fala de maneira nenhuma de um projeto totalmente diferente, que deve substituir a lógica antiga, cuja estado frágil ele descreveu na citação. Antes, trata-se do mesmo objeto, que apenas precisa de um método apropriado para animar o seu esqueleto ainda usual, isto é, encher de “substancia e conteúdo”. Hegel critica primeiramente na lógica convencional o formalismo presente nela, isto é, o seu começo a partir das categorias meramente formais. Isso é um modo de formalismo que certamente refere-se à preferência do que é formal enquanto abstrato na lógica de Hegel, mas que no ponto de vista de Hegel baseia-se continuamente nas abstrações *unilaterais*. Ele pergunta pelo o *significado* da proporção da forma e do conteúdo do conceito (como uma *constante lógica*). Mediante o que a forma lógica é determinada? Por qual meio a lógica por si mesma dá-se um próprio conteúdo? A lógica enquanto ciência do pensar abstrato deve ser reinterpretada como o pensar que *compreende*. Hegel nota, que a ciência

---

<sup>7</sup> *Introdução. Conceito geral da lógica*, Ed. Werle, pág. 31. Porém, se deveria ter em conta que o auto-entendimento de Hegel da relação entre a lógica especulativa e a lógica tradicional visa ao aspecto que a sua “Ciência da Lógica” contenha os rudimentos da “lógica no sentido comum”. Veja *Enciclopédia I* (1830), § 82.

<sup>8</sup> Ed. Werle, pág. 31.

<sup>9</sup> *Conceito da lógica em geral*, Ed. Werle, pág. 33-34; *Divisão geral da lógica*, Ed. Werle, pág. 42-43.

<sup>10</sup> Ed. Werle, pág. 33.

lógica exige começar a partir “da coisa própria”, sem a pressuposição das formas da reflexão e das leis de pensar.<sup>11</sup>

## 2. O Problema do Início na Filosofia

No capítulo intitulado “*Com o que deve ser feito o início da ciência?*”, que faz uma introdução à *doutrina do Ser na Ciência da Lógica*, Hegel fala sobre “uma dificuldade em encontrar um *início* na filosofia” (Ed. Werle, pág. 49). Essa dificuldade surge, segundo o seu ponto de vista, só porque as experiências para esclarecer essa questão executadas por seus antecessores não foram bem sucedidas. Pois, o fato de que essa tarefa pode expor geralmente um problema, é, para ele, uma compreensão devida ao trabalho na história da filosofia recente, na medida em que foi deduzida só daquele a necessidade de comparar “o método” com o conteúdo, a forma com o “princípio” por causa da importância reconhecida da subjetividade do conhecer. Portanto, o início tem de poder cumprir segundo a sua natureza o papel de ser o método (o conteúdo) e o princípio (a forma) exatamente a um só tempo. Como nos filósofos pre-socráticos da antiguidade grega, o início (*archê*) significa imediatamente “princípio”, com a restrição que não tem, nem pode ter, um conteúdo concreto determinado; pois, senão, o princípio não poderia satisfazer a natureza do início a ser um primeiro: seria já um outro, que seria condicionado por um outro primeiro. Então, o início enquanto princípio é a forma pura do pensamento conceptual.<sup>12</sup> (Aqui, a *forma* é o princípio do início, o ser; o *conteúdo* é o método, a negatividade ou a não-identidade).

Hegel o considera como um progresso relativo em comparação com o modo de começar mediante um mero princípio, que não só a questão sobre o interesse para o *conteúdo* esteve mais recentemente no centro da consideração, mas também o agir subjetivo do conhecer como uma exigência essencial da verdade objetiva. Nesse processo da “formação” a necessidade impõe “que o método seja unido ao conteúdo, a *forma* ao *princípio*” (Ed. Werle, pág. 50). Aqui, em Hegel, o princípio é

---

<sup>11</sup> *Ciência da Lógica, Introdução. Conceito geral da lógica*, parágrafos 1-2, Ed. Werle, pág. 21-22.

<sup>12</sup> Veja para isso a discussão de Hegel sobre os vários modos de exprimir o primeiro princípio na filosofia da antiguidade: *Observação 1*, parágrafo 2, *Observação 3*, parágrafo 3 do capítulo *C. Devir, 1.*, Ed. Werle, pág. 72-73, 84-85.

o conceito, mas o conceito, que na primeira imediatidade ainda é o ser. *Em si*, o ser é já o conceito.<sup>13</sup>

Ora, aquela é uma necessidade da filosofia de uma nova qualidade em frente de uma necessidade meramente orientada ao conteúdo. Só por tal imbricação ou união da *forma* e do *conteúdo* se tem tido a inspiração para atribuir a um princípio também a função de aquele início que é igualmente o primeiro no processo de pensar. Neste sentido o início da filosofia é *lógico*.<sup>14</sup>

Na introdução da *ciência da lógica*, Hegel descreve essa *necessidade* particular da ciência lógica em comparação com todas outras ciências também como aquela, que não começa por um objeto concreto ou por um conteúdo dado antes, embora a lógica tenha como objeto genuíno o pensar *compreendendo*; mas como aquela que prefere “começar com a questão mesma [com a coisa mesma, WE], sem reflexões preliminares”.<sup>15</sup> A ciência lógica não pode pressupor especialmente formas da reflexão nem regras e leis do pensar, porque aquelas mesmas pertencem a seu conteúdo e só são fundadas por ela.<sup>16</sup> Portanto, a questão do *início da filosofia* resulta filosófico-históricamente e sistematicamente apenas do conhecimento do significado da coerência de um objeto científico com o método e a forma de sua consideração.

Nessa determinação (como o “Ser puro”) de ser sem mediação, “apenas o imediato mesmo”, indiferente e por conseguinte, de ser também sem conteúdo, o início é imediatamente “a razão [Werle: o fundamento] da ciência inteira”.<sup>17</sup> A sua única determinação é a indeterminidade absoluta.<sup>18</sup>

---

<sup>13</sup> Anton Friedrich Koch designou o imediato da lógica como “um imediato sem alternativa” e ele interpretou a sua singularidade de modo que seja “o comum das múltiplas imediatidades” (“Unmittelbares Wissen und logische Vermittlung. Hegels Wissenschaft der Logik”, in: Walter Jaeschke / Birgit Sandkaulen (Hg.), Friedrich Heinrich Jacobi. *Ein Wendepunkt der geistigen Bildung der Zeit*. Hamburg 2004 (Studien zum achtzehnten Jahrhundert Bd. 29), 323). Não acredito que se possa falar assim. Antes, o significado especial da imediatidade do ser enquanto início lógico reside na necessidade da abstração *unilateral*. Mas, aquela não permite uma propriedade do gênero como algo que seja comum aos “múltiplos imediatos” (quer dizer, diferentes). O ser imediato do início é algo completamente singular (o “puramente imediato”, Ed. Werle, pág. 55).

<sup>14</sup> Em contraste a essa consideração, Dieter Henrich declara-se contra a relevância da relação entre forma e conteúdo para o início da lógica (Henrich, *Anfang und Methode der Logik* (1971), 88).

<sup>15</sup> *Introdução. Conceito geral da lógica*, Ed. Werle, pág. 21.

<sup>16</sup> Compare *Introdução. Conceito geral da lógica*, parágrafos 1 & 2 (Ed. Werle, pág. 21-22).

<sup>17</sup> Ed. Werle, pág. 52.

<sup>18</sup> Quando compreendo corretamente a estima da crítica à metafísica de Jacobi por Hegel, Jacobi requereu na visão de Hegel, exatamente essa consideração da relação da forma do conhecer ao conceito livre (veja Hegel, *Ciência da Lógica, A doutrina do conceito, A ideia do Verdadeiro, A Proposição*, parágrafo 15)

Hegel usa com certeza tais expressões como “pressuposto”, “razão” etc. no início da lógica não sem premeditar e apenas de passagem. Por isso, podemos explorar aí uma vantagem para nosso entendimento, se as enchermos daquelas determinações que vão resultar do refletir na lógica da *essência*. Essas determinações indicam que a expressão do *pressupor*, por exemplo, é aplicada em vários significados no contexto do início da lógica.

Em relação ao problema do *início* da lógica e das ciências, isso significa: o início ou o ser em sua imediatidade, como ele é sem pressuposto, é apenas “a aparência do início”,<sup>19</sup> na medida em que, o que começa *na verdade* tem um pressuposto, no entanto, um tal pressuposto, que ele deve só ainda produzir pelo si mesmo como a sua determinidade e finalmente também tem de voltar a suprássumi-la. O início, isto é, o ser imediato, nisso se pressupõe a si mesmo. Mas esse pressupor só torna-se compreensível na essência daquele: “A imediatidade surge apenas em geral como retorno e é aquele negativo que é a aparência do início, que é negado por meio do retorno”.<sup>20</sup> [aqui, não busco mais a diferença entre o pressupor *imediato* e o pressupor *absoluto* no texto de Hegel]

Em si a exposição do início lógico seria completa porque é “o mais simples”. Mas Hegel quer adicionar algumas reflexões e ilustrações.

No primeiro lugar, encontramos o pensamento de que a filosofia tenha de começar com “algo *hipotética e problemáticamente* verdadeiro e que o filosofar, por conseguinte, apenas poderia ser uma procura”.<sup>21</sup>

### 3. Hipóteses e Conhecimento Matemático

O *início* assim compreendido, mesmo em sua mais alta abstração, ainda é bilateral, isto é, Ser e Nada ao mesmo tempo. Pois, na abstração meramente unilateral, não seria um universal não restrito (infinito). Portanto, não é possível de manter a abstração unilateral do ser puro, pelo qual a lógica tem de começar necessariamente (porque a natureza do início consiste em que ele precisa ser absolutamente incondicionado, quer dizer, não deve pressupor nada).<sup>22</sup> *Essa* abstração é evanescente e não verdadeira, e *não* serve para um fundamento

---

<sup>19</sup> Ed. Werle, pág. 121, *Lasson II*, 15.

<sup>20</sup> Ed. Werle, pág.121; *Lasson II*, pág. 15.

<sup>21</sup> Ed. Werle, pág. 53.

<sup>22</sup> “Mas ele [o ser puro] tem de ser igualmente tomado de modo essencial apenas na unilateralidade de ser o puramente imediato, *justamente porque* ele aqui é como o início” (*Com o que deve ser feito o início da ciência?*, parágrafo 16 (Ed. Werle, pág. 55)).

universal de todas determinações lógicas. No entanto, a respeito daquela universalidade *bilateral*, que segue imediatamente da abstração unilateral, não pode haver um lugar externo da procura, na qual esteja algo para conhecer, porque ela já inclui tudo que poderia jamais ser em princípio objeto do conhecer científico. A atitude tomada por Hegel, isto é, de que o início absoluto seja bilateral mesmo na sua abstração suprema, isto é, imediatamente ser *e* nada, portanto, exclui que aquele pode ser assumido como estar provisório e *hipotético*, como o começo de um procedimento de *procurar*, cuja certeza mostra-se evidentemente depois no curso da ciência.<sup>23</sup>

Para Hegel, o progresso do conhecer segundo sua natureza não é algo provisório ou hipotético, que só encontra quer seja a sua confirmação ou sua refutação pelo resultado de uma investigação, por exemplo, pelo efeito de um experimento. O início não é algo que se poderia conseguir e depois prosseguir arbitrariamente por uma *ação* de pensar, ou que se poderia proceder cientificamente de qualquer outro modo. Nem é uma proposição estando apta para ser verificada, ou seja, falsificada por outra proposição. Mas, aquele que *começa* na lógica e por isso também nas ciências em geral, isto é, aquele que começa a se determinar continuamente, se determina necessariamente “pela natureza da questão [da coisa, WE] e do conteúdo mesmos”.<sup>24</sup> Essa coisa ou o conteúdo em relação à lógica é, segundo Hegel, o “pensar objetivo”, o “*puro pensamento*”, a “verdade absoluta”, a “forma absoluta”.<sup>25</sup> Assim, o início “não é nem algo arbitrário e apenas temporariamente aceito, nem um pressuposto solicitado e que aparece de modo arbitrário, mas do qual se mostra a seguir que se tinha razão de constituí-lo como início”.<sup>26</sup>

Algo meramente hipotético, no entanto, é um suposto provisório, isto é, algo accidental, que não é objeto de saber a partir do início e que antes também pode ter o destino de tornar a ser rejeitado. Não se pode dizer do “início” assim, que só o resultado de um procedimento de conhecer tenha de confirmar em

---

<sup>23</sup> Poderíamos ilustrar esse procedimento rejeitado por Hegel mais convenientemente pelo o entendimento Kantiano da pesquisa teleológica seguindo de um princípio heurístico da *faculdade do juízo reflexivo*. É certo que Kant não recomenda uma pesquisa empírica destituída dum princípio, que a conduz, mas o recurso a tal princípio razoável não é outro que uma procura para razões, que Hegel crítica. Quanto ao conceito de *hipótese* em Kant, veja *Crítica da razão pura*, B XXII; *Crítica da razão prática*, AA 05:142.

<sup>24</sup> Ed. Werle, pág. 55.

<sup>25</sup> Veja *Introdução. Conceito geral da lógica*, parágrafos 20-21 (Ed. Werle, pág. 29).

<sup>26</sup> *Com o que deve ser feito o início da ciência?*, parágrafo 15 (Ed. Werle, pág. 55).



qualquer forma a exatidão do início e com isso de justificar o início, como seria o caso, segundo o julgamento de Hegel, com a construção matemática das proposições geométricas, onde o resultado da prova da exatidão do procedimento. O início é verdade na medida em que tem uma *razão*.

A determinação da *razão*, que é de importância decisiva em relação ao início da lógica, aqui não pode ser considerada de modo mais amplo. Hegel acredita que o desenvolvimento das determinações lógicas partindo do ser puro visa àquilo que ele chama “razão” [*Grund*]. Ele combina com isso o originário ou o verídico, “dos quais depende aquilo com que é feito o início e pelos quais de fato é produzido”.<sup>27</sup> A razão é o *princípio da produção* do início. Na verdade, o início como algo imediato pode ser compreendido de modo igualmente apropriado como a primeira razão, que tem como resultado aquele princípio da produção do início.<sup>28</sup> Deste modo, desenha-se um círculo do desenvolvimento lógico, (quase) fechado em si mesmo, que é como o típico e o essencial na *Ciência da Lógica*, de importância capital para Hegel.

A este respeito, Hegel distingue estritamente o começar lógico do conhecimento científico também dos procedimentos matemáticos de prova, por exemplo, nas “construções” de uma proposição geométrica, onde se mostra só depois de se conseguir uma prova, que foi correto começar com certos procedimentos.<sup>29</sup>

Aquela determinação que *primeiramente* surge no pensamento do saber, tem de ser um completamente simples, mas não deus ou o absoluto. Pois, apenas no mais simples há meramente o “início puro” e nada além disso. Isso só pode ser o imediato, porque isto ainda não continuou para *um outro*. Eu acabo provisoriamente com a citação seguinte que é mais uma vez provocante: “esse simples, que não possui outra significação ulterior, esse vazio é, portanto, pura e simplesmente o início da filosofia”.<sup>30</sup>

---

<sup>27</sup> *Com o que deve ser feito o início da ciência?*, parágrafo 12 (Ed. Werle, pág. 54).

<sup>28</sup> Veja *Com o que deve ser feito o início da ciência?*, parágrafo 13 (Ed. Werle, pág. 54).

<sup>29</sup> Como um exemplo Hegel alega várias vezes o axioma das paralelas da geometria de *Euclides*. Segundo Hegel, esse axioma nem é capaz de uma prova, nem a precisa, porque a “dedução” tem de ser executada meramente a partir do conceito e portanto pertence à filosofia. Não diz respeito à matemática, mas a matemática tem de *pressupor* aquela “dedução”. Pois, sem prova, os axiomas seriam puras *tautologias* (*Doctrina do conceito, A ideia do verdadeiro, O Conhecer sintético, 3. A proposição*, parágrafo 3).

<sup>30</sup> Ed. Werle, pág. 61.

Ora, é ainda *o saber puro* que aparece no contexto do início da lógica. Ao mesmo tempo ele é o conceito da ciência; o saber puro é o “elemento” do “pensar” [Werle: “pensamento”] que é “livre por si mesmo”, no qual por isso o início é “lógico”.<sup>31</sup> Na lógica, esse resultado (a ideia do saber puro) é a única *pressuposição*, que pode permanecer em relação ao início da lógica. Esse saber puro enquanto conceito da ciência é o resultado do desenvolvimento da consciência na *Fenomenologia do Espírito* e a *Lógica “é”* aquela “*ciência pura*, isto é, o saber puro em toda a amplitude de seu desenvolvimento”.<sup>32</sup> O ser puro do início da *Ciência da Lógica* fica imediatamente na proximidade e sequência do saber puro como o primeiro ou o *elemento* do pensar.

Aquela *pressuposição* enquanto saber puro é *necessária*, na medida em que Hegel enfatiza a necessidade de esclarecer o “ponto de vista” da lógica como uma ciência, ao contrário de todas outras tentativas na mesma disciplina.<sup>33</sup> Ao mesmo tempo, Hegel reivindica esse *ponto de vista* como “o único ponto de vista verídico sobre o qual ela [a ciência da lógica] tem de ser para sempre estabelecida no futuro”.<sup>34</sup> Mas, esse *ponto de vista* é o conceito da *ciência*, ou seja, o conceito do *saber puro*, que é o resultado da locomoção da consciência na *Fenomenologia do espírito*. Ele não é apto para outra legitimação ou prova de sua *verdade*, senão para o que é produzido necessariamente pela consciência.<sup>35</sup> Quando Hegel diz que, para fazer o início da ciência do saber puro a partir da determinação do conceito do saber pela mediação da consciência, não precisamos fazer nada mais do que “observá-lo, ou melhor, por meio da eliminação de todas as reflexões, de todas as opiniões que se tem de outro modo, apenas acolher *o que está dado*”,<sup>36</sup> ele quer dizer que o ser é exatamente aquele conteúdo imediatamente unido com o conceito do saber puro, com o qual a lógica deve começar.

O ser puro como início da lógica é de fato mediado pelo saber puro em que a mediação do mesmo através da locomoção da consciência já foi

---

<sup>31</sup> *Com o que deve ser feito o início da ciência?*, parágrafo 5, Ed. Werle, pág. 51.

<sup>32</sup> *Com o que deve ser feito o início da ciência?*, parágrafo 5, Ed. Werle, pág. 51.

<sup>33</sup> “A lógica tem, por conseguinte, como sua pressuposição a ciência do espírito que aparece, a qual contém e demonstra a necessidade e a prova da verdade do ponto de vista do que é o saber puro, assim como de sua mediação em geral.” (*Com o que deve ser feito o início da ciência?*, parágrafo 5, Ed. Werle, pág. 51; compare *Introdução*, Conceito geral da lógica, parágrafos 17-18, Ed. Werle, pág. 27-28).

<sup>34</sup> *Introdução*, Conceito geral da lógica, parágrafo 17, Ed. Werle, pág. 27.

<sup>35</sup> *Introdução*, Conceito geral da lógica, parágrafo 18, Ed. Werle, pág. 27-28.

<sup>36</sup> *Com o que deve ser feito o início da ciência?*, parágrafo 6, Ed. Werle, pág. 52.

suprassumida.<sup>37</sup> Por meio dessa suprassunção, o saber puro perdeu toda relação com o diferente e acabou de ser saber.<sup>38</sup> Por outro lado, Hegel afirma também que a imediatidade do início como tal é necessariamente sem o pressuposto da mediação pelo saber puro. Neste modo, o início é abstrato e parece como o imediato próprio, como o pensar puro sem conteúdo.<sup>39</sup> Mas, isso me parece como uma determinação unilateral e falsa, que é refutado no processo do desenvolvimento dos “momentos” do “devir”.<sup>40</sup>

Por causa da *razão absoluta*, o início da lógica não é algo provisório ou hipotético. Já o ser puro enquanto “imediato-absoluto” é na sucessão do saber puro “igualmente o que é mediado absolutamente”,<sup>41</sup> isto é, início enquanto início da filosofia, embora a *coisa mesma* (o método absoluto) aqui ainda não exista. O saber puro dá apenas a determinação negativa, de que o início deve ser o “início abstrato”.<sup>42</sup> O início é o “inteiramente vazio”.<sup>43</sup> O imediato simples é o início, “da qual parte o movimento”.<sup>44</sup>

Iremos dar mais um passo no decurso do ser puro no primeiro capítulo da doutrina do ser. Para demonstrar como se desenvolve o método especulativo da filosofia Hegeliana na base do ser puro, deve ser discutida a crítica de Hegel ao tratamento da questão do início e da progressão da filosofia por Jacobi no contexto da categoria do *devir*.

Segundo o julgamento de Hegel, Jacobi mostrou que em cada pensamento vazio além do ser enquanto o indeterminado, está imediatamente também o seu

---

<sup>37</sup> *Com o que deve ser feito o início da ciência?*, parágrafo 9, Ed. Werle, pág. 52.

<sup>38</sup> *Com o que deve ser feito o início da ciência?*, parágrafo 7, Ed. Werle, pág. 52.

<sup>39</sup> *Com o que deve ser feito o início da ciência?*, parágrafo 7, Ed. Werle, pág. 52.

<sup>40</sup> Neste contexto, Hegel fala também do “início da lógica” enquanto “o pensamento si mesmo” (*Com o que deve ser feito o início da ciência?*, parágrafo 9, Ed. Werle, pág. 52) como se seria “a decisão, que também pode ser vista como uma arbitrariedade, a saber, que se quer considerar *o pensamento como tal?*” (*Com o que deve ser feito o início da ciência?*, parágrafo 9, Ed. Werle, pág. 52). Mas, isso não é mais do que uma concessão de outros pontos de vista em diferença com a sua própria. Pois, que o início lógico pudesse ser entendido como algo arbitrário é rejeitado estritamente por Hegel no decurso de sua controversa com outras posições (compare *Com o que deve ser feito o início da ciência?*, parágrafo 15, Ed. Werle, pág. 54). Neste ponto, eu estou em desacordo com S. Houlgate, que confundiu na sua interpretação o ponto de vista da lógica de Hegel com a posição criticada por Hegel (como as posições de Jacobi ou de Reinhold). Ponho em dúvida, que, conforme à afirmação de Hegel, o início lógico poderia ser feito arbitrariamente pela consciência ordinária (compare Stephen Houlgate, *The Opening of Hegel's Logic. From Being to Infinity*. Purdue University Press 2006, pág. 144-145). Aliás, a que Hegel denomina “decisão” neste contexto, poderia ser interpretada, na minha opinião, já como um ato antecipado do “conceito”, isto é, como uma conclusão (compare, *Ciência da lógica, Doutrina do conceito, A Objetividade*, parágrafo 1).

<sup>41</sup> *Com o que deve ser feito o início da ciência?*, parágrafo 16, Ed. Werle, pág. 55.

<sup>42</sup> *Com o que deve ser feito o início da ciência?*, parágrafo 17, Ed. Werle, pág. 56.

<sup>43</sup> *Com o que deve ser feito o início da ciência?*, parágrafo 24, Ed. Werle, pág. 58.

<sup>44</sup> *Com o que deve ser feito o início da ciência?*, parágrafo 29, Ed. Werle, pág. 61.

oposto na forma do nada. Esse entendimento corresponde assim à exposição simples do ser em Hegel, que, porém, revela mais distintamente a sutileza pela qual a indeterminidade resultando da abstração absoluta tem *imediatamente* em si mesma o seu oposto.<sup>45</sup> A indeterminidade (do ser) é como o oposto abstrato de si mesmo o determinado ou o negativo, isto é, “o negativo puro, inteiramente abstrato”. O ser como “resultado da perfeita abstração” é “negatividade abstrata, o nada”:<sup>46</sup>

Na pura reflexão do início, tal como ele é feito nessa lógica com o *ser* como tal, a passagem ainda está oculta; porque o *ser* é apenas posto como imediato, o nada apenas irrompe nele imediatamente.<sup>47</sup>

Ora, esse nada não pode ser expresso adequadamente pela sentença já citada muitas vezes antes de Hegel, “*Ex nihilo nihil fit*” [“*Nada nasce do nada*”]. Hegel crítica esse dogma da metafísica antiga como uma rejeição e uma recusa ao

---

<sup>45</sup> Portanto, quando Jacobi assevera a duplicidade do Único originário, isso ainda não contém a diferença específica do início da lógica de Hegel (veja Jacobi, *Ueber das Unternehmen des Kritizismus, die Vernunft zu Verstande zu bringen* [Sobre o empreendimento do criticismo de levar a razão ao entendimento] (1801), *Werke* [Obras] III, 143-144). Pois, o bilateral (ou seja, o oposto) é justamente aquele, que ‘irrompe imediatamente’ no ser unilateral, porque encontra-se na natureza da ação mesma de abstrair, que ela passa do ser ao nada e do nada ao ser, como Hegel demonstra na *Observação 3* do capítulo C, *Devir, a.*, nos parágrafos 11 e 12, (Ed. Werle, pág. 90-91). – Eu não estou de acordo com a descrição do “modelo da racionalidade” de Jacobi que Birgit Sandkaulen apresenta. Ela acredita que Jacobi com os primeiros enunciados do suplemento VII das “*cartas sobre a doutrina de Espinosa*” desenha uma “verídica imagem enganosa” [*veritables Vexierbild*] pondo aquele aspeto no início de filosofar que é exprimido no princípio, que “um *ser* que não nasceu tem de servir de base de todo *devir*” (Birgit Sandkaulen, *Grund und Ursache. Die Vernunftkritik Jacobis*. München 2000, pág. 104; Jacobi, *Obras* IV.1, pág. 172). Que aquele que não nasceu não seja acessível racionalmente, seria o mesmo que, de outro lado, já estava na base de toda metafísica. Isso acarreta o caráter da imagem enganosa. Ora, por essa razão, Jacobi é caricaturado inadequadamente como o tipo do crítico da racionalidade, que importa para desenvolver estratégias da harmonia e da reconciliação (Sandkaulen (2000), pág. 108). Ora, com isso a crítica de Hegel a Jacobi deve ser comprometida, na medida em que Hegel pretendeu cativar (anexar) [*verinnahmen*] o crítico da racionalidade por seu próprio interesse especulativo da razão. Pois, “a procura para o constante no inconstante” (Sandkaulen (2000), pág. 108) não deve ser mal entendido como uma saudade para a unidade original; de outro lado, Jacobi não é também um partidário do modelo de pensar de sua época, que obrigou-se da lógica do entendimento da “separação” [*Entzweiung*]. Portanto, para onde comanda o pensamento de Jacobi: na direção da separação ou na direção da união? Na verdade, em nenhuma de essas direções com clareza! É uma oscilação de um lado para o outro, uma vez permanecendo no separado, outra vez no inseparado, como uma consciência dupla (Jacobi, *Obras* III, pág. 396; Sandkaulen (2000), pág. 108). Mas, para isso há uma lógica, isto é, a lógica do ser no processo do “devir” (ou do “passar” [*Vergehen*]). Obscurecer essa lógica pelas descrições de palavras “existenciais” significa não fazer justiça nem a Jacobi, nem a Hegel. O passar está passando, e nessa verdade do devir desaparece também o ser inicial, que Jacobi imagina assim tão cheio da fantasia.

<sup>46</sup> *Observação 3*, parágrafo 11, (Ed. Werle, pág. 90). Consequentemente, a indeterminidade como o nada completamente abstrato já envolve em si mesmo a determinidade simples na forma da passagem imediata. Essa espécie da “Qualidade” é com certeza diferente da determinidade mediada, que é desenvolvida através do “Devir” e, depois, no capítulo do “Ser-a”.

<sup>47</sup> *Observação 3* do capítulo C, *Devir, a.*, parágrafo 11, (Ed. Werle, pág. 90).

“devir” enquanto consequência do nada.<sup>48</sup> Jacobi cita a mesma frase no seu diálogo “*Sobre a doutrina de Espinosa*”, para designar dele como o “espírito do espinocismo” e como marca do dogmatismo,<sup>49</sup> no entanto, sem supor que mediante o modo de sua crítica – no ponto de vista de Hegel – ele mesmo tornou-se involuntariamente partidário de espinosismo e panteísmo.<sup>50</sup>

### **Apêndice: A Crítica de Hegel a Jacobi**

Na terceira “observação” acrescentada à secção “*C. Devir. 1. Unidade do ser e do nada*”, Hegel ilustra a questão de qual espécie podem ser os equívocos, que ocorrem na consideração da relação entre o ser puro e o devir e que impedem o conhecer adequado da natureza do início. De um lado, o devir é a unidade do ser e do nada e, como essa unidade, é um terceiro que contraste com eles. Assim ele é concebido ao mesmo tempo como a verdade deles, na medida em que os dois primeiros são determinados como duas determinações *inseparadas* uma da outra. De outro lado, as mesmas determinações existem na sua diferença como “momentos” que aparecem apenas no processo do *devir*. Neste modo, eles não são inteiramente para si, isto é, não são independentes um do outro e não são autónomos. Pois, cada um implica necessariamente a “passagem” em respectivamente outro “momento”.

Ora, Hegel nota sobre esse terceiro enquanto unidade do ser e do devir que ele “possui formas [*Gestalten*] empíricas múltiplas, que são ignoradas ou desprezadas pela abstração, a fim de fixar aqueles seus produtos, o ser e o nada, cada um para si e mostrá-los protegidos contra a passagem”.<sup>51</sup>

Que Hegel quer dizer exatamente por essas formas deficientes do abstrair manifesta-se naquela “forma empírica”, que deixa-se colocar paradigmaticamente na crítica de Jacobi ao conceito Kantiano de autoconsciência. A crítica de Hegel a Jacobi baseia-se no conhecimento “que nem o ser nem o nada são algo verdadeiro, mas apenas o devir é sua verdade”.<sup>52</sup> Hegel constata que resulta para Jacobi de sua polémica contra Kant a impossibilidade de realizar uma síntese e um

---

<sup>48</sup> *Observação 1* do capítulo *C, Devir, a.*, parágrafo 3, (Ed. Werle, pág. 73-74).

<sup>49</sup> Jacobi, *Werke [Obras]* IV.1, pág. 56.

<sup>50</sup> Veja Hegel, *Ciência da Lógica*, Primeiro livro, *C. Devir, a., Observação 3*, parágrafo 3, (Ed. Werle, pág. 85).

<sup>51</sup> *Observação 3*, parágrafo 1, (Ed. Werle, pág. 84).

<sup>52</sup> *Observação 3*, parágrafo 1, (Ed. Werle, pág. 84).

múltiplo por uma determinação *pura*, como é a consciência.<sup>53</sup> Um puro *um* não deixa-se ‘multiplicar’: “cada um é apenas *um e nenhum outro*”.<sup>54</sup> Essa tarefa diz em Jacobi também assim que seja exigido deixar nascer “todo e cada *determinado*” do “infinito=0 do indeterminado”.<sup>55</sup>

A primeira nota sobre isso que admira no comentário de Hegel sobre Jacobi, diz (em uma expressão positiva), que aquele “reconheceu de modo muito determinado a *inessência* da abstração”, em concreto, da pura consciência.<sup>56</sup> Em vez de “*inessência*” ele teria poder dizer: “aparência” [*Schein*]. Pois, que uma abstração que opera conseqüentemente tem “meramente” o indeterminado como resultado, não é verdadeiro na medida em que o indeterminado tornou-se nada, isto é, seu contrário, no mesmo momento de seu nascer.

A causa por que no contexto da crítica de Jacobi a Kant, esse aspeto não é considerado como inteiramente correspondente, é, que para ele, a consciência pura é na verdade já algo determinado, isto é, que aquela como unidade da consciência já inclui múltiplas determinações. Que é suposto como consciência pura *sem todo conteúdo*, é uma abstração que lhe não é *essencial*. A “*inessência* da abstração” consiste em abstrair *unilateralmente*, que portanto é falsa, isto é, em abstrair de algo que não pode ser separado da coisa.

Mas a restante crítica de Hegel mostra que Jacobi pela sua parte não procede conseqüentemente, isto é, porque o complemento para isso – a essência da abstração (a abstração refletida) – lhe ficou inteiramente desconhecido. Jacobi nem tem um conceito do que significa o ser puro na dimensão completa de sua abstração, nem tem um pressentimento da necessidade e do significado da relação entre o *ser puro* e a “passagem”<sup>57</sup> ao desenvolver isso. Assim, Hegel justamente pode acusar Jacobi de insistir na pura consciência (e com isso em a abstração falsa, em a sua *inessência*) para poder afirmar “a impossibilidade de uma progressão para um outro”.<sup>58</sup> Esse assunto torna-se muito claro pela citação seguinte de seu escrito crítico sobre Kant; sendo compreendida a síntese pura enquanto a

<sup>53</sup> *Observação 3*, parágrafo 4, (Ed. Werle, pág. 85-86).

<sup>54</sup> *Observação 3*, parágrafo 4, (Ed. Werle, pág. 86); paráfrase de Jacobi, “Ueber das Unternehmen des Kritizismus, die Vernunft zu Verstande zu bringen” [*Sobre o empreendimento do criticismo de levar a razão ao entendimento*], *Obras III*, pág. 113-114.

<sup>55</sup> *Observação 3*, parágrafo 4, (Ed. Werle, pág. 86).

<sup>56</sup> *Observação 3*, parágrafo 4, (Ed. Werle, pág. 86).

<sup>57</sup> Ed. Werle, pág. 90.

<sup>58</sup> *Observação 3*, parágrafo 4, (Ed. Werle, pág. 86).

repetição infinita da mesma coisa, não deve acontecer nenhuma passagem para o que é diferente: A síntese pura deve

existir como tal inteiramente para si, independente do poder da imaginação e de toda intuição [...]. Uma descoberta importante! Pois, agora, fica claro que a pura síntese em si, independente da antítese e da síntese não é nada outro do que a cópula em si [...]. Essa repetição infinita da repetição é a única ocupação, função e produção da síntese a mais pura [...] etc.<sup>59</sup>

Quando na literatura da pesquisa atual se articula uma relação ambivalente de Hegel à filosofia de Jacobi,<sup>60</sup> esse equívoco pretendo tem de ser atribuída à contraditoriedade imanente ao pensamento de Jacobi. Não é justificado inferir imediatamente, do fato de um rompimento ou contradição dentro de uma teoria criticada, à atitude ambivalente do crítico em relação ao objeto de sua crítica.

Hegel reduz a falha da abstração indicada agora mesmo na crítica de Jacobi a Kant aos mal-entendidos referentes à questão: *o que* leva “determinidade na indeterminidade” e *de qual modo?*<sup>61</sup> Em relação à síntese da auto-consciência a priori em Kant, Hegel nota lapidarmente que a questão sobre o “o que” já foi respondido suficientemente por Kant mesmo (isto é, mediante os elementos apresentados na analítica da *lógica transcendental* na *Crítica da Razão Pura*, isto é, das categorias, dos princípios e do esquematismo). A questão sobre o “como”, pelo contrário, é posta incorretamente, segundo a sua visão. Pois, porque Jacobi afirma de saída a impossibilidade de uma síntese pressupondo unicamente a validade da categoria da modalidade do entendimento como instrumento de uma resposta, essa pergunta nem é respondível neste modo. Pois, ela exige outro conceito da *síntese*, que nenhuma categoria do entendimento pode apresentar. É que Hegel compreende essa síntese como a “síntese imanente do ser e do nada”,<sup>62</sup> e aquela tem uma *substância especulativa*. Em diferença de uma agregação meramente exterior das entidades separadas em si, que existem para si e destituídas da relação, aquela síntese expressa um andamento lógico do determinar, no sentido de um desenvolvimento enquanto processo de uma determinação do conceito para o seu

<sup>59</sup> Jacobi, *Obras III*, pág. 125, veja também pág. 126, 146-147, 149; compare Hegel, *Ciência da Lógica, Observação 3*, parágrafo 7, (Ed. Werle, pág. 88).

<sup>60</sup> Assim fala, por exemplo, Hans-Jürgen Gawoll de um decurso do desenvolvimento da “apropriação existencialmente motivada de Jacobi” por Hegel. Ele constata uma “ambivalência” na relação de Hegel a Jacobi. (Gawoll, Hans-Jürgen: Von der Unmittelbarkeit des Seins zur Vermittlung der Substanz. Hegels ambivalentes Verhältnis zu Jacobi. Em: *Hegel-Studien* 33 (1998). Hamburg 2000, 133-152, especialmente: 135).

<sup>61</sup> *Observação 3*, parágrafo 4, (Ed. Werle, pág. 86).

<sup>62</sup> Ed. Werle, pág. 86.

contrário. A síntese abarca depois esse processo de determinar e também o seu resultado, na qual o ser e o nada como “momentos” têm uma existência relativa. A expressão de Hegel para esse assunto é o “devir”. O *devir* é a síntese da que Hegel pode afirmar finalmente que ela “contem e mostra a inverdade daquelas abstrações”.<sup>63</sup>

Jacobi não desenvolve nenhum sentido em relação à pergunta para a necessidade de uma síntese, porque ele tem em vista apenas o significado (mal-entendido) da expressão Kantiana. Portanto, sua exegese e resposta da questão para o “como” de uma síntese do indeterminado e do determinado, quer dizer do ser e do nada (isto é, no sentido de que a resposta à pergunta seja impossível), converte-se em círculo; com as palavras de Hegel: “Essa impossibilidade não significa outra coisa senão a tautologia [...]”.<sup>64</sup>

Com a categoria do “devir” enquanto aquele conceito que desenvolve-se necessariamente mediante o movimento do conceito do ser puro, que no início é posto *unilateralmente*, através de seu contrário, o puro nada, e que forma junto com o nada uma unidade no resultado, Hegel funda um novo entendimento da “síntese” que dissolve a antinomia pretensamente insolúvel entre determinidade e indeterminidade. No entanto, antes dessa fundamentação do conceito de síntese, que ainda não mais tem o sentido Kantiano, precisa de uma nova determinação do início da filosofia como o ser puro. Esse ser ainda não pode conter nenhuma determinação, logo, ainda não pode ser nenhum concreto, nenhum determinado, mas deve ser apto para toda determinação. Interpretar o conceito Kantiano da consciência como consciência *pura* (indeterminada, vazia) significa entendê-lo mal. Pois, ele já contém em si múltiplas determinações, das quais só depois será abstraído para podê-lo isolar analiticamente como conceito “puro”. Isso serve também para demonstrar desta maneira que o conceito como tal, entendido para si mesmo, é vazio, e portanto, que lhe tem de corresponder algo outro que não é dentro da consciência.

Ora, como Hegel enfatiza, enquanto que Kant entendeu a “síntese *a priori* da auto-consciência” como “atividade” [*Tätigkeit*] de uma unidade “de se dirimir”, Jacobi reduziu a mesma unidade a um mero abstrato de uma relação destituída da relação, isto é, a uma “síntese em si” enquanto “*cópula em si*; um unir destituído

---

<sup>63</sup> Ed. Werle, pág. 89.

<sup>64</sup> *Observação 3*, parágrafo 7, (Ed. Werle, pág. 88). Compare Jacobi, *Obras III*, pág. 148-149.



dos referentes ao ser unidos, independente do sujeito e do predicado”, que pode ser expresso também como uma repetição infinita do mesmo.<sup>65</sup> Além disso, Hegel concebe a estipulação do conceito da consciência abstrata por Jacobi que com isso é afirmado “algo *empiricamente* falso”.<sup>66</sup> Pois, com a abstração como uma experiência da consciência um modo de existir seria posto, no qual “a consciência é preenchida com o sentimento, o representar e o desejar determinados [etc.]”. Portanto, a consciência “não existe separada de qualquer conteúdo particular”.<sup>67</sup> Mas com isso, a consciência não é infinita (assim como afirmada pela consciência abstrata), mas tem de fato apenas uma existência limitada.

Segundo Hegel, apenas o *ser puro* na imediatidade do *início* tem a determinação do indeterminado absoluto. Mas, essa determinação passa imediatamente em seu contrário, isto é, no *nada*. Esse negativo é o lado do *conteúdo* ou do *método*, quer dizer, a superiora abstração em geral, que abstrai com necessidade de toda determinidade concreta do *ser-aí*, da *existência*, da *atualidade* etc., para poder cumprir a função do início (o *ser puro* como *forma* e *princípio*), já implica evidentemente a *contradição* (inexprimida), que com isso é o elemento dinâmico (o iniciador) do desenvolvimento de todas demais determinações do conceito lógico e o fundamento de sua verdade.<sup>68</sup> Neste nível básico, a contradição não é nada mais senão a negação abstrata. Abstrair ainda mais e permanentemente dessa determinação da reflexão, que existe *implicitamente*, seria, na verdade, impossível.<sup>69</sup> Por conseguinte, naquele fundamento, o desenvolvimento do método especulativo de Hegel é absolutamente necessário (forçoso).

### Endereço Postal:

---

<sup>65</sup> Jacobi, *Obras III*, 125 [„als die Copula an sich; ein von Subject und Prädicat unabhängiges Verbinden ohne zu Verbindendes“]; veja Hegel, *Ciência da Lógica, Observação 3*, parágrafo 7, (Ed. Werle, pág. 88). – Com isso, Jacobi adota uma crítica, que antes Carl Leonhard Reinhold apresentou varias vezes em continuação da crítica de Christoph Gottfried Bardili a Kant em seu “*Grundriß der Ersten Logik*” (1800) [*Planta da Primeira Lógica*]. Em este aspeto, não é por acaso que o artigo de Jacobi foi publicado na edição das “*Beiträge*” [*Contribuições*] do ano 1801. Hegel crítica implicitamente o princípio da reforma da lógica por Reinhold e Bardili em seu escrito da *Diferença* (1800).

<sup>66</sup> *Observação 3*, parágrafo 8, (Ed. Werle, pág. 88).

<sup>67</sup> *Observação 3*, parágrafo 8, (Ed. Werle, pág. 88).

<sup>68</sup> *Observação 3*, parágrafo 9, (Ed. Werle, pág. 89).

<sup>69</sup> No entanto, daí ainda não segue que o *início* (o *ser puro*) já seja determinado por uma determinação da reflexão. Aqui, a reflexão tem o papel auxiliar (heurístico) fazer mais entender a indeterminidade do início.

Programa de Pós-Graduação em Filosofia  
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC  
Campus Universitário Trindade  
Caixa Postal 476  
Florianópolis – SC  
88.040 – 970

**Data de Recebimento:** 14 de julho de 2014;

**Data de Aceite para Publicação:** 30 de julho de 2014;